

REPRESENTAÇÕES DO IMIGRANTE NA OBRA DE GUIMARÃES ROSA

Aline Maria Magalhães de Oliveira ÁVILA*

- **RESUMO:** Crescem cada vez mais os estudos acadêmicos sobre imigração, exílio e das relações entre alteridades, nas mais diversas áreas do conhecimento, assim como no interior da crítica e da teoria literárias. A figura do imigrante e sua representação no espaço literário despertam bastante interesse, uma vez que nos coloca diante de uma diversidade de temáticas, de questões culturais e formais, que pedem ao crítico maior sensibilidade e pluralidade de olhares. No cenário literário nacional, o surgimento da figura do imigrante está intimamente relacionado à intensificação da imigração em fins do século XIX e, sobretudo, início do XX. Nosso intuito é dar relevância a um assunto que faz parte da formação de nossa literatura e de nossa sociedade. Para tanto, selecionamos como *corpus* a consagrada obra de Guimarães Rosa, reconhecido mundialmente como um dos maiores escritores de língua portuguesa, a fim de mostrar que, mesmo em uma obra canônica como essa, o tema aparece recorrentemente e de forma relevante, embora ainda seja pouco explorado pela crítica. Nas narrativas sobre imigração, temas como alteridade, identidade, hibridismo e tensão entre as diferenças ganham destaque. Por isso, a análise desse tema pode ser enriquecida com o suporte das linhas teóricas culturalistas ou pós-coloniais.
- **PALAVRAS-CHAVE:** Alteridade. Estudos culturais. Guimarães Rosa. Identidade. Imigração.

O mundo contemporâneo assiste a migrações em massa e aos confrontos que, por vezes, advém do encontro entre imigrante e autóctone. O trânsito de imigrantes reconfigura o perfil de populações e das fronteiras entre países, acentuando sensações de “não pertencimento”, de desenraizamento e desterritorialização. Esse cenário tem despertado o interesse de vários estudiosos, de diversos campos do saber, que analisam as possíveis implicações desses múltiplos movimentos dentro de um mesmo país, entre fronteiras ou até mesmo entre continentes. Por isso, a imigração e o exílio têm sido dois dos temas mais discutidos e estudados na contemporaneidade.

* UNESP – Universidade Estadual Paulista – Faculdade de Ciências e Letras – Programa de Pós-graduação em Estudos Literários – Araraquara – SP – Brasil. 14800-901 – alinemmo@gmail.com.

Também no interior da crítica e da teoria literárias a figura do imigrante e sua representação no espaço literário despertam bastante interesse, uma vez que nos coloca diante de uma complexidade de abordagens e pluralidade de olhares: “A imigração exhibe várias faces – socioeconômicas, políticas, afetivas e culturais – que a transformam em uma realidade somente apreensível na sua movência de constante reconfiguração.” (CURY, 2006, p.10). Assim, refletir sobre a presença do imigrante na literatura coloca-nos diante de uma diversidade de temáticas, de questões culturais e formais, que pedem ao crítico maior sensibilidade e pluralidade de olhares. Afinal: “Falar da imigração é falar de um fenômeno complexo, que tem facetas socioeconômicas, políticas, culturais e, por último, mas não menos importantes, emocionais”, afirma o escritor Moacyr Scliar (1997, p. 136), filho de imigrantes.

Antonio Candido (2000) considera o imigrante como um importante elemento formador e transformador da “inflexão americana” de nossa história contemporânea. O crítico também afirma que, apesar dessa relevância, ainda não há uma obra geral sobre o assunto. Essa afirmação demonstra a urgência da crítica voltar o seu olhar para a literatura sobre imigrantes e, quem sabe, elaborar, então, uma obra geral sobre o assunto, conforme sugere Candido, ou, ao menos, examinar esse conjunto de textos separadamente, a fim de elaborar um recorte exclusivo nos estudos literários que dê conta das especificidades deste tipo de narrativa.

Este também é o questionamento levantado pela estudiosa da cultura, Maria Zilda Cury (2006), que também indaga se o conjunto de textos que trazem como tema o estrangeiro ou o imigrante possibilitaria um recorte específico nos estudos literários e como isso se daria:

Pergunta-se se o conjunto desses textos possibilitaria um recorte específico no interior da série literária e levantam-se hipóteses de que tal recorte se ancore em características textuais, em processos de enunciação específicos, vazados numa linguagem homologamente migrante. Tais textos abrem-se a questionamentos sobre os processos de negociação identitária, sobre opções enunciativas de tratamento da memória e de recuperação das sagas de imigração com inserção específica no panorama cultural contemporâneo. (CURY, 2006, p. 13).

Essa também é a reflexão que fazemos a respeito do tema, que motiva este trabalho: dar relevância a um assunto que faz parte da formação de nossa literatura e de nossa sociedade.

No cenário literário nacional, o surgimento da figura do imigrante está intimamente relacionado à intensificação da imigração de parte da população europeia para a América a partir da segunda metade do século XIX, mas, sobretudo, no século XX, quando o Brasil recebeu a maior massa imigratória, principalmente após a Primeira Guerra Mundial. Segundo Lucia Lippi Oliveira (OLIVEIRA, 2001,

p. 11), entre 1870 e 1930 estima-se que 40 milhões de pessoas tenham atravessado o Atlântico, migrando do “Velho” para o “Novo” Mundo. É nesse período que os conflitos culturais e identitários começam a ser discutidos em diversas obras.

A vinda de tantos imigrantes teve muitas consequências na organização da sociedade brasileira e na formação da cultura nacional. Gilberto Freyre (2003) afirma que os imigrantes trouxeram regras de convívio social baseadas em laços familiares, e estas encontraram ampla acolhida no Brasil, isso se acatamos como princípio estruturante da sociedade brasileira o familismo, o paternalismo e o clientelismo, conforme sugere o autor. Lúcia Lippi (OLIVEIRA, 2001), por sua vez, acredita que os imigrantes contribuíram muito para a superação da barreira contra o trabalho manual ou braçal, instaurada com a escravidão. Eles mostraram como era possível vender sua força de trabalho e progredir com ela.

Acreditamos que ao analisar a figura do imigrante na literatura é importante destacar sua função edificante e formadora da cultura nacional, conforme já apontado por Gilberto Freyre (2003), que vai se enriquecendo na tecelagem dos atributos trazidos pela diversidade de línguas, culturas e hábitos que vão se misturando, fundindo-se, até tornar-se algo novo.

A partir dos anos 1920, os modernistas paulistas parecem expressar em suas obras uma certa angústia diante da presença dessa figura literária.

Tal posicionamento reflete-se diretamente na representação do imigrante que [...] serve de sustentáculo a um discurso apologético de exaltação do progresso brasileiro e da nova identidade paulista. Isso explica a tendência nesses autores a alegorização desta figura literária. (TONUS, 2012, p. 95).

De fato, foi nos anos 20 que apareceram muitos movimentos nacionalistas contrários à vinda de mais estrangeiros. Um bom exemplo desse receio contra a vinda de tantos estrangeiros para o Brasil está na Constituição de 1934, que estabeleceu um sistema de cotas de 2% sobre o total dos respectivos estrangeiros fixados no Brasil durante os últimos 50 anos, além de proibir sua concentração (OLIVEIRA, 2001, p. 20).

A partir da segunda metade do século XX começam a aparecer narrativas escritas por imigrantes, o que modifica profundamente a representação literária do imigrante. Partindo não mais da experiência do autóctone do encontro com o Outro estrangeiro, mas da experiência do imigrante diante dos desafios da adaptação à terra, à cultura e línguas diferentes e, muitas vezes, do enfrentamento e da rejeição, a figura do imigrante sofre um verdadeiro deslocamento em sua representação e inaugura uma tendência que altera o tratamento da temática imigratória.

É a partir do final da década de 1970 e dos anos 1980 que se pode observar um retorno da temática da imigração e da figura do imigrante na literatura brasileira; Leonardo Tonus (2012, p. 93) afirma que os romances com essa temática recorrem

a “[...] um posicionamento estético que tende a privilegiar a antimemória, o traço híbrido, a inscrição a-topográfica do sujeito e a diluição das fronteiras entre o centro e a periferia, enquanto respostas à crise social, identitária e estética que o mundo global atravessa.” Dentre as obras representativas desse período, destacamos *Lavoura arcaica*, de Raduan Nassar, de 1975, e *Relato de um certo oriente*, de Milton Hatoum, de 1989.

Analisando a representação de personagens imigrantes na literatura brasileira ao longo de século XX, pode-se perceber que a caracterização desses personagens sofre mudanças ao longo do século, acompanhando as transformações socioeconômicas, culturais e estéticas do país. Observamos que, conforme esses imigrantes deixam de ser estrangeiros e passam a fixar-se no país, constituem família e ganham voz dentro e fora das narrativas, também deixam de ser retratados de maneira estereotipada e surgem personagens com grande densidade psicológica, que exercem o protagonismo e que refletem toda complexidade da experiência migratória.

Mesmo em um dos maiores nomes de nossa literatura, João Guimarães Rosa, conhecido como escritor regionalista, cujo olhar se volta para o interior do país, principalmente de Minas Gerais, o tema da imigração foi importante e gerou grandes personagens. O autor sempre demonstrou interesse especial em representar componentes das minorias, que também construíram a História. Em diversas de suas narrativas, ele dá voz a seres de exceção, os excluídos e marginalizados. Dentre essas minorias estão os imigrantes, que figuram em composições do escritor em todas as fases de sua carreira. Pretendemos, neste artigo, mostrar como o interesse do autor pelo estrangeiro surgiu desde sua infância e o acompanhou em sua vida adulta, principalmente quando optou pelo cargo de diplomata, e como esse interesse refletiu em sua obra literária e na criação de grandes personagens imigrantes.

Imigrantes desembarcam no sertão rosiano

Os estrangeiros ganham voz na narrativa rosiana, ainda que, muitas vezes, sejam personagens de poucas palavras, mas que se destacam pela força e sensibilidade de sua caracterização. Ao se incorporarem no sertão, há o inevitável encontro com a alteridade, representada na figura do sertanejo. Nesse encontro entre duas culturas diferentes, o conflito é inevitável na maioria dos casos. Nessas narrativas, as diferenças culturais são diluídas nas aproximações que existem entre uma cultura e outra, entretanto, sempre havendo respeito pelas diferenças e evitando apagá-las ou minimizá-las pela homogeneização de traços culturais. O respeito do autor pela alteridade também poderá ser comprovado na maneira sutil e sensível com que são retratados os estrangeiros, fugindo sempre dos estereótipos comumente a eles atribuído.

A presença do estrangeiro nas narrativas de Guimarães Rosa não implica somente na escolha temática ou nas relações entre as personagens. Implica também na linguagem narrativa, na estrutura da escrita e no trabalho com a linguagem, uma vez que nas narrativas em que há o encontro de duas culturas diferentes, dois idiomas distintos, ocorre também um processo de hibridização linguística que atinge não só os personagens envolvidos na trama, como também o narrador. Através de recursos como a aglutinação, o autor aproxima idiomas completamente distantes, como o português e o chinês ou o japonês, que se fundem originando uma nova palavra.

O interesse pelo estrangeiro e pelo imigrante, por países e culturas distantes, vem desde a juventude de Rosa e já aparece em suas primeiras publicações em periódicos¹, que lhe renderam prêmios; já tinham personagens e ambientação estrangeiras. Por exemplo, o conto “Mystério de Highmore Hall”, publicado na revista O Cruzeiro (1929), passava-se na Escócia, e, no ano seguinte, foi publicado, no mesmo periódico, “*Chronos Kai Anagke*” (Tempo e Destino) – uma história de xadrez passada no sul da Alemanha. Assim como os cenários longínquos – Bulgária, Londres, Alemanha – o escritor inventava curiosos nomes para os personagens estrangeiros que compunham tais estórias – Inagywyddol, Affael, Lleoddag, Duw-Rhoddoddag, Inverary, Sviazline – que já apontavam seu gosto pelo exótico.

Em seu livro de estreia, *Sagarana*, publicado em 1946, o tema volta a aparecer, desta vez no cenário do sertão mineiro. “A volta do marido pródigo” é uma narrativa em que há a presença de uma colônia de imigrantes espanhóis trabalhando na construção da estrada de rodagem Belo Horizonte - São Paulo e o conflito entre duas minorias: o mestiço e o imigrante. Essa história evidencia como a situação do imigrante era frágil e sem nenhum apoio político ou legislativo, pois ele não era considerado cidadão. Mas o mestiço também é um pouco estrangeiro, pois é resultado da mistura de várias etnias e fica no entre-lugar das culturas herdadas. Embora sua posição na sociedade não seja em nada melhor que a do imigrante, o protagonista não se compadece da situação precária dos trabalhadores espanhóis e, apesar de reconhecer-se na estraneidade do Outro, nesse caso, isso não minimiza seu ódio pelo estranho.

Lalino Salãthiel é o estereótipo do mestiço, de acordo com a visão preconceituosa da sociedade escravista, que formava, junto com o negro e o trabalhador imigrante, os homens do povo, uma camada inferior da sociedade, excluída pela elite, que até a Primeira República, tempo da ação da história, era composta apenas de pobres e trabalhadores braçais. Assim, vindo do povo, ele não pertence à elite, que o considera uma raça diferente: “É uma raça de criaturas diferentes, que os outros não podem entender” (ROSA, 1980, p. 98), mas os outros homens do povo também o excluem, pois ele se destoa do restante da massa trabalhadora. Deste

¹ As referências sobre os contos publicados em periódicos foram retiradas de COVIZZI; NASCIMENTO (2001).

modo, a condição híbrida de mestiço o coloca na mesma posição de exclusão que o estrangeiro e visto também como o Outro diferente dos demais moradores do vilarejo.

Embora Lalino se encontre na mesma condição de exclusão que os espanhóis, nem por isso existe uma cooperação das partes ou uma compreensão da situação do outro. Ao contrário, ele parece até mesmo descontar toda sua revolta nos estrangeiros, lutando com sua maior arma, a eloquência, para conseguir expulsá-los definitivamente do vilarejo. Lalino deixa clara a sua desavença com os espanhóis: “– Ara, Generoso! Vem você com espanhol, espanhol!... Eu já estou farto dessa espanholaria toda... Inda se fosse alguma espanhola, isto sim!” (ROSA, 1980, p. 78). É importante notar que a rejeição de Lalino se restringe apenas aos estrangeiros do sexo masculino, porque, como se vê pela última frase citada e em vários outros momentos da narrativa, quando conta suas histórias sobre a capital, seu desejo pelas estrangeiras fica evidente: “– Bem, as mulheres são francesas, espanholas, italianas, e tudo, falando estrangeirado, fumando cigarros...” (ROSA, 1980, p. 79). Fica evidente que ele tem uma visão idealizada e até estereotipada da mulher estrangeira, de quem ele só havia ouvido contar ou visto em folhetins e magazines.

Contudo, seu desejo não é por qualquer tipo de estrangeira, mas é muito específico, pois nas suas descrições e enumerações de mulheres estrangeiras só estão as europeias, as únicas de origem oriental citadas por ele são as turcas, e nunca uma mulher africana ou latino-americana. Em outros momentos, seu preconceito contra as negras e as mulheres do povo é explicitado quando ele as compara às mulheres estrangeiras, que eram seu fetiche: “– E nem sei como é que vocês ficam por aqui, trabalhando tanto, p’ra gastarem o dinheirinho suado com essas negras, com essas roxas descalças...” (ROSA, 1980, p. 77).

A natureza ambivalente de Lalino consegue reunir as duas prováveis reações do sujeito diante do estrangeiro: o olhar racista e o olhar exótico, segundo Octavio Souza, no livro *Fantasia de Brasil: as identificações na busca da identidade nacional* (1994, p.145). De acordo com o autor, existem, basicamente, duas formas de o sujeito dominar o estranho que o estrangeiro representa: ou deposita sobre ele um olhar de admiração ou de ódio. O sentimento positivo está relacionado ao exotismo e o sentimento negativo ao racismo: “O que encomenda tanto o exótico quanto o racismo é a necessidade de dominar a angústia frente ao estranho.” (SOUZA, 1994, p. 145). Com relação às mulheres, o olhar do protagonista é o de desejo erótico pelo exotismo da estrangeira, sobre qual Souza afirma que também é modo de dominar o estrangeiro: “Deste modo, achar belo ou excitante o estranho é um modo pelo qual o sujeito se reassegura de seu eixo subjetivo, uma vez que troca a passividade do sofrimento da angústia pela atividade do movimento estético da admiração.” (SOUZA, 1994, p. 130).

Quanto aos estrangeiros do sexo masculino, a resposta de Lalino ao estranhamento é o olhar racista e intolerante. Quando ele volta do Rio de Janeiro

e descobre que a situação dos espanhóis melhorou, que a colônia de imigrantes se juntou e comprou sua própria terra, e que agora os seus antigos colegas de trabalho estavam prestando serviços aos espanhóis, ele tenta dissuadi-los e ainda incitá-los contra os imigrantes: “– É p’ra seu Echeviro e seu Saturnino e seu Quiroga, e p’r’a espanholaria toda, não é? Mas, então, seu Jijo, você não tem vergonha de trabalhar p’ra esses gringos, p’ra uns estrangeiros, gente essa, gente à-toa?!” (ROSA, 1980, p. 91). Para o mulato, quem trabalha para essa gente perde seu valor: “Olha eu estou vindo da capital: lá, quem trabalha p’ra estrangeiro, principalmente p’ra espanhol, não vale mais nada, fica por aí mais desprezado do que criminoso... É isso mesmo. E nem espie p’ra mim, enquanto que estiver sendo escravo de galego azedo!” (ROSA, 1980, p. 91).

Embora Lalino tenha vendido a própria esposa para o espanhol Ramiro, ele não se conforma de retornar do Rio de Janeiro para sua terra natal e não conseguir tê-la de volta, o que só faz crescer sua raiva pelo espanhol. Ele começa a provocá-lo, passando em frente à sua residência só para gritar: “Viva o Brasil!”. (ROSA, 1980, p. 102). Quando o Major chama sua atenção pela atitude com os espanhóis, Lalino retruca: “– Seu Major, só se aqueles estrangeiros acham que a gente dar viva ao Brasil é mexer com eles. Mas eu nunca ouvi ninguém dizer isso... A gente na política tem de ser patriota, uai!” (1980, p. 103).

Firme no seu propósito de vingar-se de Ramiro e dos espanhóis todos, Lalino faz uso de sua maior arma: a eloquência. Depois da tentativa de disseminar a revolta naqueles que trabalhavam para os estrangeiros, o mulatinho procura convencer o poder local, o chefe político do distrito, Major Anacleto. Mas esta tarefa não seria fácil, já que o Major era “homem de princípios austeros, intolerante e difícil de se deixar engambelar” (ROSA, 1980, p. 97) e era solidário aos imigrantes, em grande parte porque lhe davam algum lucro: “E, depois, esses espanhóis são gente boa, já me compraram o carro grande, os bezerros... Não quero saber de embondo!” (ROSA, 1980, p. 97).

Diante da proteção do Major aos espanhóis, Lalino percebe que o caminho para persuadi-lo deveria ser outro, menos ofensivo e direcionado ao verdadeiro interesse do político, que são os eleitores. Então, o malandro joga com as palavras e diz ao Major Anacleto a respeito dos espanhóis: “Gente que p’ra mim até não tem valor, seu Major, pois eles nem não votam! Estrangeiros... Estrangeiro não tem direito de votar em eleição...” (ROSA, 1980, p. 108). O Major resolve confirmar a informação com o seu irmão Laudônio: “– Escuta aqui, mano Laudônio: é verdade que espanhol não vota?” (ROSA, 1980, p. 111), e o irmão responde: “– Não. Não podem. São estrangeiros... A coisa agora está muito séria.” (ROSA, 1980, p. 111). Depois da dúvida colocada por Lalino nos pensamentos do Major, ainda acontece o episódio da agressão de Ramiro à Ritinha, por motivo de ciúme, o que ajuda o político a tomar a decisão de expulsar os espanhóis do lugar, já que eles não tinham mais serventia para ele: “Olhem, amanhã cedo vocês vão lá nos espanhóis,

e mandem aqueles tomarem rumo! É para sumirem, já, daqui!... Pago a eles o valor do sítio. Mando levar o cobre. Mas é para irem p'ra longe!” (ROSA, 1980, p. 116). Se outrora o narrador havia dito que naquele lugar “ter um pedaço de terra era uma garantia e um título de naturalização” (ROSA, 1980, p. 87), o que se vê no final da história é que a situação do estrangeiro é sempre transitória e que ele não era considerado um cidadão porque não tinha o direito de votar, de modo que não bastava ter um pedaço de terra para garantir a sua naturalização. Mesmo com as terras compradas dignamente a custo de muito trabalho, os estrangeiros acabam expulsos do lugar porque não tinham mais a proteção do poder local.

O mulato, por sua vez, consegue conquistar seu lugar na sociedade, encontrando um trabalho que valorizasse sua malandragem, esperteza, lábia. Através do uso palavra, e não do trabalho braçal, é que ele consegue conquistar de volta a sua esposa e seu lugar na comunidade.

A diferença entre o mulato e o estrangeiro fica marcada pela diferença de tratamento na sociedade: enquanto o mulato parte da decadência para a ascensão social, o estrangeiro atinge a ascensão social com o esforço de seu trabalho e depois a decadência com a expulsão do vilarejo. E o que determina a decadência do estrangeiro é justamente a sua condição de imigrante, que não lhe garantia os mesmos direitos que o cidadão brasileiro.

Na coletânea *Primeiras histórias*, de 1962, o tema do imigrante reaparece no conto “O cavalo que bebia cerveja”. Nele o narrador-protagonista, Reivalino, conta a sua experiência de estranhamento diante de um imigrante italiano, Seu Giovânio, que veio para o Brasil para fugir da gripe espanhola e da Primeira Guerra, e o desenrolar dessa relação que passará da recusa do Outro à cumplicidade entre os dois.

A diferença de hábitos do estrangeiro é recebida com asco pelo narrador e pelo povo da região, que espalhavam diversos rumores sobre seus estranhos hábitos: “Falavam que comia a quanta imundície, caramujo, até rã, com as braçadas de alfaces, embebidas num balde de água” (ROSA, 1967, p. 91). A segunda barreira que desencadeia a aversão do narrador ao estrangeiro é a linguística: “Tudo nele me dava raiva. Não aprendia a referir meu nome direito” (ROSA, 1967, p. 91). Para o narrador, era uma desfeita o estrangeiro não pronunciar direito o português: “[...] ‘Cerveja, Irivalíni. É para o cavalo...’ o que dizia, a sério, naquela **língua de bater ovos**.” (ROSA, 1967, p. 92, grifo nosso). Ele se irritava porque o estrangeiro estava em terras brasileiras e vinha “pronunciar a feia fala” (ROSA, 1967, p. 92).

Ao longo da narrativa, a distância entre o narrador-protagonista e o estrangeiro só aumentam, beirando o ódio, e Reivalino insultava Seo Giovânio em pensamento: “– Tu espera, porco, para se, mais dia menos dia, eu não estou bem aí, no haja o que há.” (ROSA, 1967, p. 92). A sua mágoa era ver o estrangeiro rico fazer do nativo seu empregado e ainda ter de vê-lo esbanjar dinheiro comprando o que é da sua terra: “Eu remoia o rancor: de que, um homem desses, cogotudo, panturro, rouco

de catarros, estrangeiro às náuseas – se era justo que possuísse o dinheiro e estado, vindo comprar terra cristã, sem honrar a pobreza dos outros [...]” (ROSA, 1967, p. 91-92).

As autoridades começam a desconfiar da clausura e da vida discreta do italiano e resolvem investigar, interrogando o empregado, se acaso o patrão não tinha marcas de ter fugido de uma prisão. O narrador não se envergonha de contar que aceitou dinheiro dos funcionários do Consulado, vindos da capital, para dizer tudo o que sabia do patrão. Delatou-o apenas por vingança: “Mas contei tudo ou tanto, por vingança, com muito caso.” (ROSA, 1967, p. 94).

Contudo, com o desenvolvimento da investigação e curiosidade do povo, Reivalino começa a se compadecer do patrão a partir do momento em que se coloca em seu lugar; fazendo-se semelhante ao estrangeiro é que o empregado consegue compreender e aceitar o patrão. Ele, então, procura as autoridades para impedi-las de voltar à casa do italiano e afirma: “Se tornassem a vir, eu corria com eles, despauterava, escaramuçava – alto aí! Isto aqui é Brasil, **eles também eram estrangeiros.**” (ROSA, 1967, p. 95, grifo nosso). Reivalino reconhece que tanto ele quanto os outros membros da comunidade poderiam ser considerados tão estrangeiros quanto o italiano, afinal “isto aqui é Brasil”, um país miscigenado, formado pelo encontro de diversas etnias e culturas.

A reflexão de Reivalino nos leva a compreender melhor a afirmação de Julia Kristeva no livro: *Estrangeiros para nós mesmos* (1994, p. 9) em que diz “[...] o estrangeiro começa quando surge a consciência de minha diferença e termina quando nos reconhecemos todos estrangeiros.” O conflito cultural só é interrompido quando as diferenças são aceitas – e não abolidas – e quando todos se reconhecem na estranheza, afinal todos são um poucos estranhos e o que nos faz lembrar disto é a estranheza do Outro.

Ao final da narrativa o narrador revela que as marcas desse encontro foram permanentes através de uma “hibridização idiomática”: “Eu, Reivalino Belarmino, **capisquei.**” (ROSA, 1967, p. 97, grifo nosso).

Esse conto pode ser considerado uma síntese do processo de transculturação narrativa realizado por Guimarães Rosa, que, através do processo de plasticidade cultural, consegue transitar pela cultura italiana e a cultura sertaneja e estabelecer um diálogo entre as alteridades em conflito, sem, contudo, apagar suas diferenças.

Da coletânea de contos *Tutameia*, publicada em 1967, destacamos “Orientação”, estória de amor construída sobre uma relação de oposição entre o chinês Yao Tsing-Lao, tratado pelos habitantes locais de Quim, e a sertaneja Rita Rola. O casal é descrito pelo narrador como o par contraditório: “O par – o compimpo – til no i, pingo no a, o que de ambos, parecidos como uma rapadura e uma escada” (ROSA, 1979, p. 109). São vários os oxímoros, as “metáforas de incompatibilidade” (GALVÃO, 2008, p. 214), a traçar o perfil do casal como oponentes, muitas vezes colocados numa postura quase de confronto, fato quase inevitável diante de culturas

tão estranhas entre si, pois mesmo quando entrelaçadas pelo amor, as diferenças ainda são gritantes: “O mundo do rio não é o mundo da ponte” (ROSA, 1979, p. 109)², afirma o narrador, ilustrando a dimensão da distância entre o casal, porque o rio e a ponte não foram feitos para se tocarem, mas para passarem distantes um do outro. A atração entre os dois é imediata, mas não há nada que justifique essa “afinidade de contrários” (NOVIS, 1989, p. 70). “Mas o amor assim pertenceria a outra espécie de fenômenos?” (ROSA, 1979, p. 109).

No título “Orientação”, termo polissêmico, o vocábulo é explorado em todas as suas significações possíveis. A primeira acepção, e a mais evidente, é a que expressa relação com o Oriente, origem da personagem principal da narrativa: “Pois trata de um cidadão do Oriente, da civilização que traz em si, e de seu choque com uma sertaneja.” (GALVÃO, 2008, p. 217). Ainda nesse sentido, expressa também o ato de “orientalizar-se” pelo qual passa Rita Rola, que sofre um processo de aculturação, assimilando a cultura oriental do marido: “Rita-a-Rola, em tanto em quanto, apesar de si, mudara, mudava-se” (ROSA, 1979, p. 110), transformação esta que vai do campo cultural até o físico e o psíquico, já que ela não só passa a vestir-se como uma chinesa como também a portar-se como tal, a falar o mínimo necessário. Quem ensina Rita Rola a portar-se como uma mulher chinesa, com gestos contidos, pouca fala, alguns ornamentos: “Ensinava-lhe liqueliques, refinices.” (ROSA, 1979, p. 110).

A segunda acepção da palavra refere-se à direção, indicar o rumo a alguém. Nesse sentido, a personagem Rita Rola mostra-se completamente “desorientada” quando perde seu amado “De que banda é que aquela terra será?” (ROSA, 1979, p. 110). Necessitada de “orientação”, ela perde o rumo sem o direcionamento de Quim.

Assim, a fábula de amor entre um chinês e uma sertaneja não tem um final feliz. As diferenças culturais começam a incomodar a moça, que se vê dominada pelas “chinesices” que o marido lhe impõe e acaba se rebelando. Não há mediação de conflitos nesse caso e a narrativa nos parece mostrar que nem o amor pode resistir ao conflito de alteridades, se ambas as partes não assumirem o respeito pela cultura do outro.

Contudo, mesmo quando há um conflito que não é solucionado, pontes entre as culturas são estabelecidas ao longo das narrativas. Assim, a aproximação das

² Sobre o excerto acima, Galvão (2008, p. 215) afirma: “O conto constrói uma relação de oposição que se vai reiterando em todos os níveis – imagens, metáforas, oximoros -, até chegar ao fonêmico: i/o. Tudo converge para investir Quim na vogal /i/ de seu nome e Rita Rola do mesmo modo na vogal /o/.” A oposição /i/ x /o/ está presente desde a primeira caracterização do casal: “O par - o compimpO [...]”. (ROSA, 1979, p. 109), na qual a palavra “compImpO” une as duas oposições /i/ x /o/, até sua desunião no excerto supracitado no qual o “rIo” opõe-se a “pOnte”. Walnice afirma que o fonema /i/, do nome Rita, não foi suficiente “para permitir uma mitigação da diferença radical” (GALVÃO, 2008, p. 216).

diferenças é dada tanto por meio de semelhanças entre as culturas quanto por meio da linguagem, através de processos como o de aglutinação, que une dois idiomas distintos e forma uma nova palavra, ou de aproximação sonora, que imita no português a sonoridade da língua estrangeira. Em “Orientação”, isso ocorre com a repetição de palavras que intercalam a fricativa /ch/ e a sibilante /s/ que remetem tanto ao nome do protagonista Yao-Tsing-Lao, o Quim, como também seu país de origem, a China, e os derivados do nome do país, que se apoiam na origem latina do nome Sina: “Sábio como o sal no saleiro, bem inclinado.” (ROSA, 1979, p. 108, grifo nosso). No léxico, a aproximação se dá pela exploração do uso de palavras ou sintagmas referentes à China, mas que foram adotados no vocabulário português e que usamos, muitas vezes, sem nos lembrarmos da origem estrangeira dessas palavras, como: porcelana, bússola, pólvora, mandarim, arroz, dragão, etc.

Deste modo, mais do que mostrar as diferenças culturais que foram capazes de separar o casal, o autor revela as proximidades entre a língua, o léxico e a cultura de um povo tão distante, apontando no texto como a cultura chinesa pode ser próxima do cotidiano brasileiro.

“Cipango”, do livro póstumo *Ave, palavra* (1978) é uma história que apresenta as impressões de um viajante que visita uma colônia de japoneses no Pantanal mato-grossense. Este conto já havia sido publicado diversas vezes em periódicos, no Diário de Minas (05/04/1953), no Correio da Manhã (30/11/1957) e no Jornal de Letras (01/1958) antes de integrar a coletânea de 1978. Ao contrário dos outros contos com o tema do imigrante, neste não há nenhum conflito entre as alteridades, a narração se aproxima mais da observação de um etnógrafo e a presença autobiográfica do escritor é muito maior.

O conto é narrado como um diário de viagem: “No trem da Noroeste, passado Araçatuba, a presença deles começou a aumentar. Era uma silenciosa invasão.” (ROSA, 2001, p. 143). O registro mostra o local exato de onde o trem começa a lotar de japoneses, como um relato etnográfico. Porém, em seguida, a observação é mais apurada e a sentença “silenciosa invasão” consegue dar a ideia não só da grande quantidade de japoneses que adentrou o vagão como também a característica marcante do silêncio deles, que já começa a delinear o perfil do estrangeiro. A descrição física desses “invasores” ultrapassa a simples descrição etnográfica e alcança o campo poético, pois o autor brinca com as palavras e os sons que lembram o idioma nipônico e abusa das aliterações: “Principalmente nos carros de segunda, abundavam seus tipos, indescoráveis amarelos, cabelos ouriçados, caras zigomáticas, virgulados olhos obvexos.” (ROSA, 2001, p. 143).

Guimarães Rosa foi buscar na história milenar japonesa e na tradição o nome antigo pelo qual foram conhecidos os japoneses até mesmo aqui no Brasil do século XIX: Cipango era o antigo nome dado por europeus e chineses ao Japão na Idade Média e Moderna. Foi o viajante Marco Polo que passou por aquelas terras e ouviu essa denominação e transmitiu na Europa sua interpretação do nome

como Zipango, que sofreu mutações linguísticas até chegar em Cipango, conforme ficaram conhecidos os japoneses por longos anos.

Na literatura brasileira é possível encontrar referências a esse nome, como no poema de Augusto dos Anjos intitulado “A ilha de Cipango”, no qual o poeta fala da ilha como uma terra encantada e de sonhos e lembra as incursões dos navegadores no período das Grandes Navegações à ilha que hoje conhecemos como Japão. Esse poema foi publicado em 1914 e, portanto, possivelmente foi escrito na mesma época em que desembarcaram os primeiros imigrantes japoneses no Brasil, em 1908. A influência da chegada desses imigrantes de características físicas tão diferentes dos habitantes locais e dos imigrantes europeus que aqui já haviam se estabelecido reflete-se também na literatura da época.

As diferenças culturais começam a ser diluídas ao decorrer da narrativa e aparecem aproximações, como o modo de organização familiar, como as atitudes patriarcais de superioridade que eram muito comuns na família brasileira do século XIX e início do século XX: “Só que apareceu um senhor, *seô* Hachimitsu que as repreendeu, entremeando a zanga com vênias polidas em nossa intenção. As musmés fugiram para dentro.” (ROSA, 2001, p. 144).

Além disso, outra aproximação entre as culturas que se refere à sociedade patriarcal se dá na maneira como o casamento é tratado pela tradicional família japonesa, que nada mais é que um contrato social baseado em garantias financeiras “– Não, não, namoro não. Ele quis eu, falou com p’pai. Deu ‘garantia’...” (ROSA, 2001, p. 147). O amor não é uma cláusula desse contrato, mas pode ser adquirido no dia a dia com a convivência paciente: “– Amor, sim, munto. Primeiro casa, depois amor vem. Amor devagarzinho, todo dia amor mais um pouco... Bom...” (ROSA, 2001, p. 147). Contudo, é preciso lembrar que no período colonial era comum os genitores arrumarem os parceiros para os filhos, sem que um conhecesse ao outro. Deste modo, mesmo um costume insólito pode encontrar semelhanças na tradição brasileira, aproximando, mais uma vez, as culturas (aparentemente) tão distantes.

Diferentemente das demais narrativas com o tema do estrangeiro, neste conto há um exercício muito maior de reprodução da maneira como o estrangeiro fala, que o diferencia do narrador, como podemos observar na linguagem híbrida do narrador, quando ele fala “musmés” no excerto acima, na tentativa de reproduzir a maneira como os japoneses falam “mulheres” e mais ainda quando o narrador reproduz a fala dos imigrantes japoneses em discurso direto: “– Entará, senhô, entará... Casa japonês munto suja... – e a mulher ria, um riso desproporcionado”. (ROSA, 2001, p. 147).

A riqueza cultural que salta aos olhos neste conto é um retrato da hibridez que formou o Mato Grosso do Sul atual, um estado de fronteira que recebeu todos os tipos de influência, e foi receptivo às várias culturas que resolveram desbravar o interior do país. Para Marli Fantini (2003), a zona fronteira é um espaço privilegiado onde se realiza o comércio simbólico entre línguas e culturas estrangeiras entre si.

Ao se colocar nessa zona fronteira, situada no entre-lugar da hibridização, entre sistemas linguísticos de origens distintas, também o narrador exerce o bilinguismo, misturando as duas línguas: “Ao fundo, tlatlavam os quero-queros, sobe-desce-sobe, gritantes.” (ROSA, 2001, p. 146). O narrador mistura na sua fala o modo como os imigrantes pronunciavam palavras com a letra R com som de L, e para Marli Fantini esta é uma forma dele ajustar-se à heterogeneidade básica que fundamenta esses sistemas. Promovendo essa “traduzadaptação” idiomática e ao inter-relacionar idiomas e práticas culturas distintas, seu procedimento transculturador é reafirmado. Fica visível na obra rosiana a prática de uma hibridização linguística entre o português e outros idiomas, no caso de Cipango, o idioma japonês. De acordo com Fantini (2003, p. 61), essa hibridização idiomática “[...] realizada sob o concurso dos processos de composição, derivação e aglutinação, constitui microprocessos de ‘conversaço’ entre línguas e reproduz recursivamente o procedimento geral de transculturaço, no plano lexical e mesmo no sintático.” Talvez por isso seja esse o conto que mais explicita a riqueza do encontro entre culturas e as transformações linguísticas que advêm desse contato.

Também nas narrativas de maior extensão é possível perceber que o tema persiste na obra rosiana. Na novela “O recado do morro”, de *Corpo de baile*, de 1956, o tema do estrangeiro é muito importante para o desenvolvimento da história que se passa durante o trajeto de uma viagem de expedição financiada por um naturalista europeu e motivada por seus estudos. Além disso, é o estrangeiro aquele que primeiro percebe que o recado do morro, aparentemente sem nexos, era algo importante, um recado de vida ou de morte, uma “canção a formar-se”. Na marcha da excursão do estrangeiro, vão se juntando vozes ignoradas do sertão, como os marginais da razão, os loucos, os fanáticos, os excêntricos, para os quais o escritor mais uma vez dá voz para contarem a história deles e do sertão. No circuito dessa viagem, ampliam-se as vozes narrativas e as várias formas de diversidade. À medida que os diversos “atores culturais” vão aderindo à expedição e suas vozes marginais vão se juntando à voz da cultura europeia, representada pelo saber do alemão, as grandes diferenças entre o saber científico e o saber primitivo dos sertanejos vão se apagando.

O narrador heterodiegético aproxima-se e identifica-se com o protagonista Pedro Orósio, muitas vezes narrando com a visão do personagem, oscilando entre a focalização externa e a interna. Ambos aproximam-se também no modo de avaliar a inexperiência do viajante estrangeiro, tão preocupado em catalogar cientificamente detalhes da topografia do sertão: “O louraço, seo Alquiste, parecia querer remedir cada palmo de lugar, ver apalpado as grutas, os sumidouros, as plantas do caatingal e do mato [...] Tomava nota, escrevia na caderneta; a caso, tirava retratos [...]” (ROSA, 1978, p. 29-31). Ele também acha graça na valorização do naturalista alemão de cada mínimo detalhe da natureza e nos coloca em contato direto com o seu modo de ver a curiosidade do estrangeiro: “Exacoco e desaguisado nos usos,

a tudo quanto enxergava dava um mesmo engraçado valor: fosse uma pedrinha, uma pedra, um cipó, uma terra de barranco, um passarinho à toa, uma moita de carrapicho, um ninhol de vespos.” (ROSA, 1978, p. 5-6).

A focalização interna aproxima o narrador dos personagens-viajantes, principalmente do protagonista Pê-Boi, e parece distanciá-lo ainda mais dos personagens estrangeiros, Seo Alquist e Frei Sinfrão, este, imigrante já adaptado à terra e à língua, mas que ainda “sotaqueava” (ROSA, 1978, p. 6). Na verdade, o narrador aparenta aproximar-se dos personagens regionais quanto à receptividade ao estrangeiro.

O traço mais marcante da dificuldade dos personagens no trato com o alemão e sua língua é reproduzido pelo narrador por meio das variadas formas de grafia do nome do estrangeiro: Alquist, Alquiste, Olquist, Olquiste. Essa mudança no nome dos personagens é também uma estratégia frequente na obra de Guimarães Rosa, conforme afirma Ana Maria Machado em *O recado do nome* (2003). Segundo a autora, o nome dos personagens rosianos assinala mudanças e é instável, como, de fato, acontece com o personagem alemão.

A narração prossegue apontando outros traços da dificuldade do narrador em lidar com o estrangeiro e sua língua. Em alguns momentos, o narrador tenta reproduzir a fala do alemão conforme ele a teria ouvido, o que, novamente, coloca o leitor diante da impressão de que se trata de um narrador-viajante, que participou na viagem narrada e reproduziu a fala do estrangeiro: “– **Vad? Fara? Fan?** – e seo Alquiste se levantava. ‘**Hom’ est’ diz xôiz important!**’ – ele falou **brumbrum**. Só se pelo acalor de voz de Gorgulho ele pressentia. E até deu apressadas frases ao Gorgulho, **naquela língua sem possibilidades.**” (ROSA, 1978, p. 22, grifo nosso).

O narrador ressalta a dificuldade de se entender a língua do estrangeiro, “língua sem possibilidades” (ROSA, 1978, p. 22), um enigma talvez até maior do que a mensagem do morro: “Aqui, catrás, os outros conversavam e riam – seo Alquiste e frei Sinfrão cantavam cantigas com rompante, na língua de outras terras, **que não se entendia.**” (ROSA, 1978, p. 25, grifo nosso).

Não obstante a dificuldade de comunicação entre o estrangeiro e os habitantes locais, é justamente o estrangeiro quem primeiro presta atenção à mensagem do morro: “[...] seo Alquiste punha **uma atenção aguda, quase angustiada**, nas palavras do Gorgulho – frei Sinfrão e seo Jujuca se admiravam: como tinha ele podido saber que agora justamente o Gorgulho estava recontando a doídice aquela, de ter escutado o Morro gritar?” (ROSA, 1978, p. 22, grifo nosso). Por vezes, o estrangeiro esforça-se para compreender o que acontece ao seu redor e, quando percebe que algo importante acontece, mas não consegue assimilar por completo, ele se frustra e angustia-se: “[...] pois o senhor Alquist queria comentar muito, em inglês ou em francês, ou mesmo em seus cacós de português, quando não se ajudando com termos em grego ou latim.” (ROSA, 1978, p. 64).

Paradoxalmente, é o estrangeiro, “um de fora” (ROSA, 1978, p. 5), o mal compreendido e que parecia pouco compreender, justamente aquele que dá ouvidos a um marginal da razão – Gorgulho – e percebe a importância da mensagem que ouvia, da canção que nascia: “Comovido ele pressentia que estava assistindo ao nascimento de uma dessas cantigas migradoras, que pousam no coração do povo; [...]” (ROSA, 1978, p. 64).

Para Marli Fantini (2003, p. 202), o estrangeiro procede tal qual um “hermeneuta” e apreende a importância da mensagem “a partir dos ruídos significantes dessa língua ‘sem possibilidades’, cuja intraduzível estranheza seus próprios usuários se mostram incapazes de decifrar.” Assim, por estar atento aos detalhes, à cultura local, por prestar atenção às minúcias do local que está explorando, é que o estrangeiro foi capaz de apreender a importância do recado: “[...] o estrangeiro é, dentre todos quantos testemunharam o nascimento do canto territorial, o único capaz de reconhecer-lhe, nas peculiaridades regionais, a correlação com o ideal estético e sagrado de uma língua universal.” (FANTINI, 2003, p. 203).

Conforme a viagem e a narrativa prosseguem, as diferenças vão sendo diluídas e percebemos que o narrador parece aproximar-se mais do estrangeiro ao final da narrativa. Aquele de início era apenas “um de fora”, “enxacoco”, ao final do relato é considerado “Bom homem e notável, seo Alquiste.” (ROSA, 1978, p. 60). A tradução que era difícil, mas necessária, no início da viagem, tanto da parte do narrador quanto do alemão, já não parece ser relevante ao final do trajeto. No começo do relato, o narrador tenta expressar a fala do alemão: “xôiz important!” (ROSA, 1978, p. 22), mas, ao final, bastou dizer “Importante... Importante...”, como se a completa tradução já não fosse necessária, pois mesmo sem entender inteiramente o sentido das palavras o estrangeiro já havia percebido a importância do relato.

Assim como ocorre em diversas narrativas de Guimarães Rosa em que personagens de diferentes línguas, culturas e costumes são colocadas em diálogo, também em “O recado do morro” parece haver no decorrer da história uma espécie de mediação, revelando que, em meio à diferença, sempre é possível encontrar traços universais comuns. Essa mediação revela um escritor apaixonado pela diferença e preocupado em aproximar os povos, não pela homogeneização de traços, mas pela valorização das particularidades de cada língua e cultura.

Ainda que de maneira breve, não poderíamos deixar de citar *Grande sertão: veredas* (1968), a épica narrativa do jagunço Riobaldo, protagonista que demonstra ser apaixonado por estrangeiros e línguas estrangeiras. Guimarães Rosa parece transmitir ao narrador-protagonista a mesma paixão pela diferença, a capacidade de transculturar, de eliminar fronteiras e traçar pontes invisíveis entre diferentes territórios, ideologias, línguas e culturas. Nossa hipótese é a de que o jagunço pode ser considerado uma espécie de alter ego de Guimarães Rosa no que diz respeito à

sua relação com estrangeiros: “Toda vida gostei demais de estrangeiros.” (ROSA, 1968, p. 107), diz Riobaldo.

São muitas as passagens no romance que confirmam a relação estreita do jagunço com o estrangeiro. Por exemplo, num momento em que Riobaldo quer fugir de seus problemas, identifica-se com a mais completa alteridade, buscando reconhecer-se no Outro estrangeiro, o mais distinto possível dele e dos seus: “[...] aquela hora eu queria só gente estranha, muito estranha, estrangeira inteira!” (ROSA, 1968, p. 115). Parece que o fato de se sentir estranho ao local abre sua consciência para adequar-se a diferentes culturas e buscar, ao seu modo, traduzir, adaptando nomes e palavras estrangeiras. O narrador-protagonista de *Grande sertão: veredas* promove, assim, a mediação entre o local e o universal e estabelece pontes entre fronteiras. Riobaldo decide, por fim, tornar-se cidadão do mundo: “Eu sou donde nasci. Sou de outros lugares.” (ROSA, 1968, p.271) e, deste modo, transforma-se ele também em estrangeiro. Segundo Julia Kristeva (1994), “[...] o estrangeiro começa quando surge a consciência de minha diferença e termina quando nos reconhecemos todos estrangeiros, rebeldes aos vínculos e às comunidades.” (KRISTEVA, 1994, p. 9). Acredita-se que é justamente porque Riobaldo reconhece-se estrangeiro que ele compreende o outro estrangeiro.

Além da evidente aproximação do protagonista com os estrangeiros, há ainda a clara influência de estrangeiros no desenrolar dessa narrativa, como o alemão senhor “Vulpes”, o que, por alguns críticos mais recentes, pode ser considerada uma alegoria do Brasil em formação, para a qual o braço imigrante e a cultura estrangeira foram fundamentais para o desenvolvimento do país.

Assim, essas representações do imigrante aqui assinaladas mostram como o autor ressalta a importância deles para a formação do Brasil, seja através de seu braço para o trabalho, conforme se observa em “A volta do marido pródigo” e em “Cipango”, seja por sua influência na cultura local e na língua, introduzindo palavras que se misturam ao português e entram para o vocabulário corrente, como aparece em “Orientação”, ou na formação de um povo multiétnico, através das miscigenações, de que o retrato do mulato Lalino Salãthiel é o exemplo mais evidente.

Por este breve panorama da obra de Guimarães Rosa, passando por todos livros e coletâneas publicadas, fica evidente que o olhar do autor sobre os estrangeiros e imigrantes não é ocasional, mas recorrente e fundamental para a interpretação de diversas narrativas. Este é um tema importante e que pode ser explorado em todos os níveis do texto, independente da linha de trabalho escolhida, já que ele pode ser visto tanto sob uma perspectiva linguística e estilística quanto sócio-histórica, genética, psicanalítica ou mesmo filosófica.

ÁVILA, A. M. M. O. Representations of the immigrant in the work of Guimarães Rosa. *Itinerários*, Araraquara, n. especial, p. 53-70, 2017.

■ **ABSTRACT:** *Academic studies about immigration, exile and otherness have increasingly expanded in different areas of knowledge, including literary criticism and literary theory. The figure of the immigrant and his or her representation in the literary space arouse great interest, since they present us a variety of themes and questions. All of this require from the literary critic a greater sensitivity and a plurality of views. In the Brazilian literary scene, the appearance of the figure of the immigrant is closely related to the intensification of immigration in late nineteenth and early twentieth centuries. In light of this, our intention in this paper is to give relevance to a subject that is part of the formation of our literature and our society. We selected as our corpus the consecrated work of Guimarães Rosa, one of the greatest Portuguese-writing authors, in order to show the recurrence of this theme even in a canonical work. As we shall see, issues such as otherness, identity, hybridity and the tensions that stemmed from differences are of crucial importance in his narratives on immigration. We hope to show how the discussion of this topic can be enriched with the support of culturalist or post-colonial theories.*

■ **KEYWORDS:** *Cultural studies. Guimarães Rosa. Identity. Immigration. Otherness.*

REFERÊNCIAS

CANDIDO, A. 10 livros para conhecer o Brasil. **Teoria e debate**. Edição 45, 01 de julho de 2000. Disponível em: <<http://www.teoriaedebate.org.br/index.php?q=materias/cultura/10-livros-para-conhecer-o-brasil>>. Acesso em: 12 dez. 2015.

CURY, M. Z. Uma luz na escuridão: imigração e memória. In: VAZ, A. E. A.; BAUMGARTEN, C. A.; CURY, M. Z. F. (Org). **Literatura e imigrantes: sonhos em movimento**. Belo Horizonte: Faculdade de Letras da UFMG, POS-LIT; Rio Grande: Fundação Universidade Federal do Rio Grande, PPG em Letras: História da Literatura, 2006. p. 09-36.

FANTINI, M. **Guimarães Rosa: fronteiras, margens, passagens**. Cotia: Ateliê; São Paulo: SENAC, 2003.

FREYRE, G. **Sobrados e mucambos**. Decadência do patriarcado rural e desenvolvimento urbano. São Paulo: Global, 2003.

GALVÃO, W. **Mínima mímica**. São Paulo: Cia das Letras, 2008.

_____. **Forasteiros**. In: GALVÃO, Walnice. *Desconversa*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1998. p. 15-28

GUIMARÃES, V. **Joãozito**: a infância de João Guimarães Rosa. 2. ed. São Paulo: Panda Books, 2006.

IBGE. **Brasil, 500 anos de povoamento**. Imigração no Brasil. Rio de Janeiro, 2010. Disponível em <http://www.ibge.gov.br/brasil500/index2.html>. Acesso em 30 de junho de 2010.

INSTITUTO MOREIRA SALLES (Org). **Cadernos de literatura brasileira**: João Guimarães Rosa. Edição especial, n. 20-21, dez. 2006.

KRISTEVA, J. **Estrangeiros para nós mesmos**. Tradução: Maria Carlota C. Gomes. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.

LEONEL, M. C. de M. **Guimarães Rosa alquimista**: processos de criação do texto. São Paulo, 1985. 349 f. Tese (Doutorado em Letras) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1985.

LORENZ, Z. **Diálogo com Guimarães Rosa**. In: COUTINHO, E. (Org.). João Guimarães Rosa. Ficção Completa. Rio de Janeiro: Civilização brasileira, 1991. p. 62-97.

OLIVEIRA, L. L. **O Brasil dos imigrantes**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

ROSA, J. G. **Grande sertão: veredas**. 12ª ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1968.

_____. **Sagarana**. 23. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1980.

_____. **Primeiras estórias**. 3. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1967.

_____. **Tutaméia**. 5. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1979.

_____. **Ave, palavra**. 5. ed. Rio de Janeiro: Nova fronteira, 2001.

_____. **Correspondência com seu tradutor alemão Curt Mayer-Clason**. Org. Maria Aparecida F. Marcondes e trad. Erlon José Paschoal. Rio de Janeiro: Nova Fronteira/ABL; Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2003.

_____. **Correspondência com seu tradutor italiano Edoardo Bizzarri**. 3. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2003.

SCLIAR, M. Sonho em movimento: a imagem do imigrante na literatura brasileira. **Revista USP**, São Paulo, n. 36. p. 136-139, dez./fev. 1997-98.

SOUZA, O. **Fantasia de Brasil**. As identificações na busca da identidade nacional. São Paulo: Escuta, 1994.

TONUS, J. L. O imigrante na literatura brasileira: instrumentalização de uma figura literária. In: DALCASTAGNÉ, R.; MATA, A. L. N. (Org.). **Fora do retrato**: estudos de literatura brasileira contemporânea. Vinhedo: Horizonte, 2012. p. 93-101.

